

MANOEL BONFIM: UMA LEITURA APAIXONADA DO BRASIL. E DA AMÉRICA LATINA

María Emilia Prado*

Recibido: 31 Mayo 2013 / Revisado: 15 Junio 2013 / Aceptado: 18 Junio 2013

Manoel Bomfim tem lugar de destaque na plêiade dos intérpretes do Brasil bem como da América Latina. No cenário intelectual brasileiro ocupa, porém, um lugar diferenciado. Primeiramente, por olhar o Brasil a partir de sua inserção na América Latina e por compreender que um passado comum unia os países latino-americanos. Bomfim ia além, ao perceber que o presente com seus obstáculos, crises, problemas e desigualdades também se fazia presente em todos os países da América Latina.

Diferenciava-se, porém, de seus contemporâneos¹ ao se recusar a compreender os problemas enfrentados pelos países latino-americanos relacionados à composição racial povo. Bomfim em momento algum utilizou a noção de raça para encontrar as razões para os “males” que afligiam o Brasil e a América Latina. Nestes finais do século XIX e início do XX a raça era uma noção bastante utilizada pelos intelectuais preocupados em entender as dificuldades do Brasil em se constituir como uma nação integrada e moderna, nos moldes dos países da Europa Ocidental e dos Estados Unidos. Lembremos, por exemplo, intelectuais como Sílvio Romero, que muito possivelmente influenciado pelas teorias de Darwin, afirmava que “a raça ariana reunindo-se aqui a duas outras totalmente diversas contribuiu para a formação de uma *sub-raça* (no original) mestiça e crioula, totalmente diferente da

européia”². Mais explícita foi a posição de Nina Rodrigues ao afirmar:

“A raça negra no Brasil, por maiores que tenham sido os seus incontestáveis serviços à nossa civilização, por mais justificáveis que sejam as simpatias de que o cercou o revoltante abuso da escravidão, por maiores que se revelem seus turiferários, há de constituir sempre um dos fatores de nossa inferioridade como povo”³.

Manoel Bomfim buscou olhar para o Brasil bem como para a América Latina evocando um sentimento patriótico. A evocação deste sentimento em nada se assemelhava a um olhar ingênuo, que apenas buscava ressaltar as virtudes da pátria. Muito pelo contrário, Bomfim não se furtou a exercer a crítica, sempre que ela se fez necessária. Ele apenas se recusou a olhar negativamente para o Brasil bem como para a América Latina. Na advertência que redigiu à edição de *A América Latina-males de origem* ele assim se expressou:

“Este livro deriva diretamente do amor de um brasileiro pelo Brasil, da solicitude de um americano pela América. Começou no momento indeterminado em que nasceram esses sentimentos; exprime um pouco o desejo de ver esta pátria feliz, próspera, adiantada e livre. Foram esses sentimentos que me arrastaram o espírito para refletir sobre essas coisas, e o fizeram trabalhar essas

* Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: emiprado@gmail.com.

¹ Susseking, Flora e Ventura, Roberto, *Uma teoria biológica da mais Valia? História e Dependência: História e Dependência: cultura e Sociedade em Manuel Bomfim*. São Paulo, Moderna, 1984.

² Romero, Sílvio. *A Margem da História*, São Paulo, Martins Fontes, 1999, 100.

³ Rodrigues, Nina, *Os africanos no Brasil*, Brasília, UNB, 7ª ed. 1988, 7.

idéias- o desejo vivo de conhecer os motivos dos males de que nos queixamos todos”⁴.

Bomfim se insere, sem dúvida, ao lado de tantos outros intelectuais latino-americanos preocupados com a inserção desta parte do mundo no que de mais nobre a civilização construiu: liberdade e direitos. Assim como Martí em Cuba⁵ e Mariátegui no Peru⁶, para citar apenas alguns. Bomfim não participou diretamente, como interlocutor, no debate intelectual hispanoamericano, mas, ele conhecia esse debate e suas obras expressavam a mesma preocupação geral que orientava o meio intelectual hispano-americano: as questões indígena e negra, a herança ibérica, a introdução da civilização na América Latina, o modelo norte-americano, a educação como veículo para a transformação nacional. A postura de Bomfim era, no entanto, extremamente crítica frente ao posicionamento adotado por boa parte dos intelectuais hispanoamericanos, em especial pelo fato de muitos deles esposarem as teorias raciais vigentes. Em seu livro *O Brasil na América*⁷ ironizava as posições defendidas por Carlos Octavio Bunge em *Nuestra América*⁸ que assinalava a divisão da Argentina em castas raciais, que eram boas ou ruins segundo fossem brancas ou de cor. Igualmente criticara o desejo de europeização étnica expresso por Alberdi⁹.

Bomfim queria a América Latina livre, próspera e digna. Valorizava as tradições endógenas dos povos que habitavam há milênios as terras latino-americanas, mas, recusava-se a uma leitura ingênua acerca do nosso papel na superação dos muitos obstáculos. Reconhecia a responsabilidade das elites latino-americanas e dos governos, pela não resolução dos inúmeros problemas que impediam a América Latina de se tornar uma área onde seus habitantes tivessem acesso ao progresso em suas acepções, econômica, política e cultural. Recusava, no entanto, não apenas a noção de raça- como fator explicativo-, como também procurou desvendar as condições estruturais originadas em sua maior parte no processo de colonização.

Manoel Bomfim teve uma trajetória intelectual instigante. Nasceu em 1868 na cidade de Aracaju, então província de Sergipe. Sua família possuía um engenho de açúcar, no qual chegou a trabalhar. Aos 17 anos ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia, mas, concluiu seu curso no Rio de Janeiro, em 1890. Já em 1891 foi nomeado médico da Secretaria de Polícia e no ano seguinte tenente-cirurgião da Brigada Policial. Foi nesta condição que acompanhou uma expedição destinada a encontrar remanescentes dos índios botocudos. Casou-se com Natividade de Oliveira e logo após o casamento mudou-se para o interior de São Paulo com o propósito de se dedicar à Medicina. Do casamento nasceram dois filhos: Maria e Aníbal. A doença da filha sem que ele como pai e médico fosse capaz de curá-la, fez com que se retirasse das atividades médicas. Após a morte da filha dirigiu-se ao Rio de Janeiro e abandonou a Medicina.

No Rio de Janeiro passou a se interessar pelo estudo da Psicologia e da Pedagogia e em 1896, tornou-se professor do Instituto de Educação. Em 1901 viaja para Paris onde se dedicou na Sorbonne aos estudos da psicologia e da pedagogia. Retornando ao Brasil, fundou o Pedagogyum para o qual foi nomeado diretor pelo prefeito Pereira Passos em cuja administração foi enviado à Europa. Momento em que pode, então, estudar pedagogia e psicologia. De volta ao Rio de Janeiro, foi nomeado diretor do Pedagogyum, bem como da Instrução Pública do Distrito Federal.

Bomfim redigiu *A América Latina. Males de Origem*, ao longo do ano de 1902, momento em que recebeu a solicitação de um jornal de Paris, para que desse uma entrevista esclarecendo os problemas gerais com que se defrontava a América Latina. Levado a avaliar a extensão e complexidade do assunto sobre o qual lhe pediam opinião, dispôs o resultado de suas reflexões nessa obra, na qual afirmava, de modo corajoso, seu nacionalismo.

Antes mesmo de sua estadia em Paris, ou da solicitação do jornal, Bomfim

⁴ Bomfim, Manoel, *A América Latina. Males de origem*. Rio de Janeiro, 4ª ed. Topbooks, 1993, 34.

⁵ Martí, José, *Obras Completas. Nuestra América*. Editorial de Ciências Sociales, La Habana, 1975.

⁶ Mariátegui, José Carlos, *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana* (1928), Lima, Amauta, 1976.

⁷ Bomfim, Manoel, *O Brasil na América*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1929.

⁸ Bunge, Carlos Octavio, *Nuestra América (Ensayo de psicología social)*. Buenos Aires: Valerio Abeledo, 1903.

⁹ Alberdi, Juan Bautista, *Bases y puntos de partida para la organización política de la República Argentina*, 1852.

Já revelava seu interesse pela leitura de livros que lhe possibilitassem melhor compreender o Brasil e América Latina. Em 1897, quando ocupava o cargo de diretor da Instrução Pública, promoveu um concurso destinado a premiar uma obra acerca da História da América e na qualidade membro do Conselho Superior de Instrução Pública, quis também opinar sobre as obras inscritas. O concurso foi ganho por Rocha Pombo com sua *História da América*¹⁰. Ao chegar a Paris, a saudade da terra natal estimulou-o a iniciar um exercício de reflexão, apoiado nas notas e observações que colheira. Informou-nos o próprio Manoel Bomfim que não apenas a saudade “daqueles céus americanos, como a apreciação direta dessa reputação perversamente malévolamente de que é vítima a América do Sul, provocaram a reação afetiva que se traduz na publicação destas páginas. Fora daí, elas não viriam, talvez, à luz”. Continuava afirmando que escrevia um livro

“nascido, animado, alimentado e divulgado pelo sentimento; não o sentimento dos interesses pessoais, que obscurecem a razão e pervertem o julgamento, mas um sentimento que só aspira alcançar a verdade- a causa efetiva desses males, dentro dos quais somos todos infelizes, o desejo de subir à civilização, à justiça, a todos os progressos”¹¹.

Dessa forma, surgia *A América Latina- Males de Origem* publicado em Paris em 1905. Logo nas primeiras páginas, Bomfim, contrapunha-se a postura etnocêntrica dos jornalistas, escritores e políticos europeus que julgavam ser a América Latina uma região atrasada, povoada por mestiços indolentes e degenerados. Contestava ser a América Latina apenas uma terra de escândalos e de desonestidade. Bomfim condenava essa postura, mas, reconhecia que era inegável nosso atraso. Afirmava: “a América do Sul mantém a reputação de ser o continente mais rico do Globo” mas devido às constantes mudanças de governo, levantes, lutas políticas, os europeus se permitem proclamar que “as repúblicas sul-americanas são afetadas de cesarismo crônico e estão por isso perdidas”¹².

De nada adianta, continuava Bomfim afirmando, que “haja países como o Brasil, onde, dentre todos os presidentes de conselho, não houve um só que não fosse considerado e reconhecido como homem probo e limpo, vivendo dos seus próprios recursos e todos geralmente pobres?”¹³. Continuávamos sendo tratados como criança a quem se repete continuamente “não prestas para nada, nunca serás nada”. Bomfim condenava essa postura, mas, reconhecia o atraso da América Latina e conseqüentemente do Brasil. Em momento algum adotava uma postura nacionalista ingênua.

“Efetivamente, os povos sul-americanos se apresentam, hoje, num estado que mal lhes dá direito a serem considerados povos civilizados. Em quase todos eles, em muitos pontos do Brasil inclusive, a situação é verdadeiramente lastimável. Nações novas deveriam progredir como cem, enquanto as antigas e cultas progredem como cinquenta; só assim lograríamos alcançá-las e gozar todos os benefícios que se ligam às civilizações adiantadas. No entanto, marcham lentamente, como dez, isto é, retardam-se, distanciam-se cada vez mais da civilização moderna [...] da civilização, só possuímos os encargos: nem paz, nem ordem, nem garantias políticas; nem justiça, nem ciência, nem conforto, nem higiene, nem cultura, nem instrução, nem gozos estéticos, nem riqueza; nem trabalho organizado, nem hábito de trabalho livre, muita vez, nem mesmo possibilidade de trabalhar; nem atividades sociais, nem instituições de verdadeira solidariedade e cooperação”¹⁴.

À semelhança dos que anos antes fizeram José Bonifácio, Joaquim Nabuco e alguns outros intelectuais brasileiros, Manoel Bomfim procurou encontrar as raízes desse atraso, na tentativa de entender os entraves que tem nos impedido de construir uma sociedade liberal, democrática e integrada. Diferentemente de Joaquim Nabuco que localizou na escravidão a raiz de todos os males ou de José Bonifácio que quase um século antes alertava para a impossibilidade de se construir uma nação integrada mantendo-se a escravidão, Manoel Bomfim pro-

¹⁰ Pombo, José Francisco da, *Compêndio de História da América*. Rio de Janeiro, Benjamin de Águila ed, 2ª ed., 1925.

¹¹ Bomfim, Manoel. *A América Latina*. ...op. cit., 35

¹² *Ibidem*, 38.

¹³ *Ibidem*, 42.

¹⁴ *Ibidem*, 49.

curaria as razões desse atraso no processo colonial e no caráter dos povos colonizadores. Evidente que a escravidão não fora desconsiderada, mas alertava:

“aparentemente, não há nada que justifique ou explique esse atraso (...) O meio é propício, e por isso mesmo, diante desta anomalia, o sociólogo não pode deixar de voltar-se para o passado a fim de buscar as causas dos males presentes. . . é nesse passado, nas condições de formação das nacionalidades sul-americanas, que reside a verdadeira causa das suas perturbações atuais”¹⁵.

Ao voltar-se para os países colonizadores, Bomfim identificava neles os mesmos males que afetavam os países da América Latina. O mesmo atraso, “uma geral desorientação, um certo desânimo, falta de atividade social, mal-estar em todas as classes, irritação constante e sobretudo uma fraqueza”¹⁶. Recusando-se a operar com as teorias raciais, procurou valer-se da ciência de forma inteiramente diversa. Para análise da origem dos obstáculos que dificultavam e por vezes impediam o Brasil e América Latina de se tornarem nações capazes de integrar os seus habitantes na condição de cidadãos, recorreu aos conceitos da Biologia, de modo a tornar mais explícitas suas análises. Acreditava que as sociedades precisavam ser vistas como “organismos” sujeitos a leis categóricas. Era isto que tornava a Sociologia uma ciência, ou seja “o estudo de um conjunto de fatos dependentes de leis fatais, tão fatais como as da astronomia ou da química, fatos estreitamente dependentes e relacionados”¹⁷. Lembrava ser “princípio fundamental e corriqueiro da Biologia: que a função faz o órgão”¹⁸ e que os organismos sociais apesar de se regerem por leis peculiares a eles não podem estar “em oposição com as que regem a vida dos elementos sociais em particular”¹⁹. Prosseguia em sua analogia assegurando que “uma sociedade que viva parasitariamente sobre outra (...) passa a viver à custa de iniqüidades e extorsões”²⁰.

Seguindo essa linha de raciocínio, buscou na trajetória da Península Ibérica as raízes das dificul-

dades da América Latina em compreender o sentido da modernidade. Estava no modo como se constituíram os países ibéricos as razões para uma determinada prática de colonização. Recuou até as invasões cartaginesas do século IV para mostrar como durante oito séculos a Espanha, em particular, viveu em lutas permanentes que resultou numa educação guerreira e numa cultura intensiva dos instintos belicosos, o desenvolvimento de tendências depredadoras e a impossibilidade de se habituar ao trabalho pacífico. Essa cultura de conquistas e saques foi considerada a marca mais forte dos povos ibéricos.

Foi com base nessa tradição belicosa que Bomfim interpretou a maneira como os espanhóis conquistaram os impérios inca e asteca. Terminada a fase de depredação teria, então, início a do sedentarismo que para ele significava a fase da degenerescência. Alertava que para Portugal a conquista apresentou-se mais difícil em razão do tamanho do pequeno reino. Assinalava, no entanto, que o Brasil e a África foram colônias que permitiram a Portugal o exercício do sedentarismo. Do Brasil retirava os tributos, dízimos e monopólios, da África, o tráfico dos negros²¹. Como resultado do parasitismo favorecido pelas conquistas, deu-se na Espanha a formação de uma aristocracia do dinheiro, capaz de abafar o desenvolvimento normal da sociedade. Igualmente em Portugal a vida produtiva estagnou e passou-se a viver dos lucros gerados nas colônias.

Manoel Bomfim viu nessa forma dos ibéricos conceberem o processo colonial, as raízes dos males que passariam a afligir de modo permanente a América Latina. A herança ibérica de parasitismo e degenerescência era, segundo ele, a responsável pela incapacidade da América Latina de se construir enquanto um continente moderno e voltado para a difusão das atividades produtivas; propiciadoras do progresso para todos os seus habitantes.

Para Bomfim mesmo quando deixamos de ser uma área colonial, a prática de se viver parasitaria-

¹⁵ Ibidem, 53.

¹⁶ Ibidem, 54.

¹⁷ Ibidem, 51.

¹⁸ Ibidem, 57.

¹⁹ Ibidem, 58.

²⁰ Ibidem, 59.

²¹ Ibidem, 104.

mente do trabalho de outrem, já havia se instalado. Para o caso brasileiro destacava, a concentração das terras em poucas mãos, a presença marcante das atividades agrárias e por fim, mas, jamais por último a escravidão. Assinalava o papel da escravidão como mais uma forma de acentuar o parasitismo:

“as classes inferiores e mecânicas se adaptaram a viver em condições de pobreza, desconforto e miséria que parecem incompatíveis com a vida. Os escravos- negros - coagidos pelo açoite - adaptaram-se, habituaram-se a trabalhar o mais possível a viver com o mínimo de conforto e de alimentação”²².

A escravidão guardava vínculos estreitos com o regime de colonização parasitária estabelecido pelos povos ibéricos, ou seja: na medida em que os ibéricos se encontravam acostumados à conquista e depredação eles não concebiam a possibilidade de se estabelecer qualquer forma de ocupação de um território que não implicasse em extrair daí o máximo de lucratividade com o mínimo de trabalho. Afirmava Bomfim que se as riquezas existentes na América tivessem aqui permanecido e fossem aplicadas em melhorar a produção nas novas colônias, elas teriam contribuído para construir a base da vida econômica de uma sociedade estável. Esse espírito do parasitismo e de depredação se encontrava presente também nos homens que vieram para a colônia, e esses homens eram aventureiros, especuladores desejosos do enriquecimento rápido e sem muito trabalho.

Ao explicar a lógica de funcionamento da colonização, atribuía a questões de natureza cultural a implantação de um sistema de exploração colonial onde o objetivo do colonizador era extrair o máximo das colônias, não se preocupando em desenvolver nelas qualquer atividade produtiva, capaz de propiciar o desenvolvimento das áreas coloniais. Não havia interesse em se formar a população para o trabalho livre bem como em desenvolver tecnologia na área colonial. Acostumados, por séculos, ao saque, espanhóis e portugueses objetivava, apenas, extrair das colônias o maior lucro possível. Essa lógica, segundo ele, foi transplantada e os

que detinham o controle sobre as terras, a produção e o trabalho objetivavam também o lucro fácil. Na mesma linha de raciocínio que informava Joaquim Nabuco,²³ intelectual que teve destacado papel no processo abolicionista, concluía que “a escravidão foi a objeção moral, a degradação do trabalho, o embrutecimento e o aniquilamento do trabalhador e foi também a viciação da produção”²⁴. Comparava, por fim, a colonização ibérica com aquela empreendida na América do Norte demonstrando que esta última não foi vítima de um parasitismo integral. Lá chegou a existir a escravidão, mas, na América Latina aos efeitos gerados pela escravidão se somaram:

“as desastrosas conseqüências dos monopólios e privilégios, os exclusivos mercantis, instituídos sobre o comércio colonial, as restrições fiscais, o sistema bárbaro de tributos, o embaraço, a proibição formal às industriais manufatureiras tornando-se impossível qualquer esforço de iniciativa particular pela interdição de toda inovação progressista”²⁵.

Diante desse quadro, a América Latina só podia ser caracterizada pela existência de lutas contínuas, pela perversão do senso moral, horror ao trabalho livre, ódio ao governo, desconfiança das autoridades, desenvolvimento dos instintos agressivos.

Como resultado dessa forma de colonização, estabeleceu-se internamente nas sociedades latino-americanas um parasitismo de uma classe sobre a outra, dos que detinham os meios de produção sobre os que nada possuíam. Das qualidades a nós transmitidas, a mais sensível e interessante afirmava Bonfim, é o “conservantismo”. “Na prática, todos esses homens das classes dirigentes são escravos passivos da tradição e da rotina”²⁶. Recusava-se qualquer mudança, eram adeptos fervorosos do culto à vida tal qual ela se encontrava organizada e o presente assim como o futuro não era mais do que a manutenção do estado existente no passado.

Em momentos de crise, alertava ele, vive-se uma agitação generalizada e um reconhecimento de que algumas modificações precisam ser introduzi-

²² Ibidem, 126

²³ Nabuco, Joaquim, *O Abolicionismo*. Petrópolis, Vozes, 5º ed, 1988.

²⁴ Bomfim, Manoel, *América Latina*. ...op. cit., 133.

²⁵ Ibidem, 134.

²⁶ Ibidem, 160.

das nos costumes implantados nas sociedades latino-americanas, mas, para tal, valem-se das leis e dessa forma acreditam que redigido um decreto a necessidade social sobre a qual legisla estaria resolvida. Esse modo de conceber o papel da legislação como agente de mudança resulta, para Bomfim, no fato de que as Constituições se sucedem sem que a sociedade delas tenha conhecimento. Ainda que retirando seus argumentos da Biologia, defendia a tese, apoiando-se em Massart e E. Vandervelde,²⁷ de que o parasitismo social diferia do biológico, pois os grupos parasitas podiam se regenerar. Para isto bastava que parte da sociedade se esforçasse para combater o parasitismo.

Ainda que seu diagnóstico se voltasse para a identificação das raízes dos problemas que assolavam o Brasil e a América Latina, Bomfim acreditava que diferentemente do que afirmavam parte dos intelectuais europeus a América Latina não estava condenada a viver à margem da civilização e do progresso. Combatera, não apenas em *A América Latina: males de origem*, mas, em tantos outros escritos (*O Brasil na América, O Brasil Nação, O Brasil na História*) as alegações “pseudo-científicas com que se queria provar uma pretensa inferioridade étnica são tão insubsistentes que nem encobrem a natureza dos sentimentos onde se inspiram os célebre sociólogos e cientistas inventores das raças nobre”²⁸. Afirmava categoricamente que não existem povos condenados ao não progresso. Ao contrário, existem povos que após atingirem um estado avançado de progresso ou como ele mesmo denominou “um estado de civilização superior” começam um processo de decadência e degradação provocado, em geral, pelo parasitismo que invade alguns povos após atingirem um alto grau de progresso.

Progressivamente, Bomfim vai construindo sua teoria a respeito do modo como o parasitismo pode ser rompido e nesse sentido ele frisa, uma vez mais, que as elites costumam ser prisioneiras do parasitismo. Este permite que elas se alimentem do trabalho dos dominados e tendem a uma postura obstinadamente conservadora destinada a manutenção de suas conquistas e de sua posição. Dessa

forma, as elites constroem um fosso para o qual elas são atraídas. Tornando-se refratárias ao progresso, as elites terminam por caminharem na direção da decadência. O impulso para o progresso será dado, na concepção de Bomfim, pelos oprimidos, por aqueles que sofrem as conseqüências do parasitismo. Ao verem-se oprimidos pelo parasitismo, jogados na miséria, os oprimidos “atiram a sociedade para diante, ora quebrando os diques da resistência conservadora, ora disputando um lugar entre os mesmos dominantes, tornando-se voz ativa nos seus conselhos, forçando-os a uma ou outra concessão”²⁹.

Ainda que ao longo da obra Bomfim tenha utilizado a noção de parasitismo, tomada de empréstimo à Biologia, ele avança no sentido de demonstrar que o parasitismo social não é igual ao parasitismo biológico. Neste último o corpo que sofre os efeitos do parasita não tem condições de se libertar. É prisioneiro do corpo que dele se alimenta. No tocante às sociedades, Bomfim adverte ser este parasitismo de natureza diversa. E uma das formas de romper o parasitismo na concepção de Bomfim é a educação.

“A vontade se adquire, a vontade se perde... eduquem-se as almas inconstantes destas populações, habituem-nas a vencer as impressões do momento, ensinem-lhes a conhecer as conseqüências últimas do atos imorais, esclareçam-lhes as inteligências, de forma que possam prever as conseqüências longínquas do seu proceder atual, haja em torno delas uma opinião pública, cada vez mais justa e livre, e daí sairão as gerações fortes, capazes de dominar-se a si mesmos, capazes de lutar e progredir [...] eduque-se a sensibilidade, fale-se ao gozo estético, haja bons modelos- e o gosto se apurará”³⁰.

A educação era o caminho para tornar possível a transformação de uma nação excludente em outra com condições de proporcionar liberdade e cidadania a todos os seus membros. A educação seria, portanto, o instrumento capaz de dotar o povo dos meios necessários para se posicionar na condução das questões nacionais. “Se faltam cida-

²⁷ Massart, Juan e Vandervelde, Emilio, *Los parasitos de la sociedad*. Editorial F. Granada, Buenos Aires, 1906.

²⁸ Bomfim, M. América Latina. ...op. cit., 299.

²⁹ Ibidem, 301.

³⁰ Ibidem, 311.

dãos para uma república, se faltam ao país homens em valor humano, procuremos formá-los. É a suprema virtude da educação.”³¹.

Bomfim realizou um diagnóstico profundo das razões históricas do denominado “atraso” do Brasil e da América Latina diante dos países hegemônicos europeus. A colonização foi por ele compreendida como sendo a origem dos males. Recusou-se a creditar ao povo, na vertente racial, as razões desse atraso. Foi o processo colonial caracterizado pela dominação, objetivando o lucro capaz de manter na ociosidade os colonizadores, o responsável por essa situação. Reconhecia, porém, a extrema dificuldade para que ocorresse a mudança no estado das sociedades latino-americanas, na medida em que o processo colonial viabilizou o estabelecimento desse parasitismo também no interior da América Latina. Afinal, as elites e muitos dos homens de Estado ao se beneficiarem dessa situação não teriam porque viabilizarem os meios (educação) necessários à mudança. Diferentemente da maior parte dos intelectuais de sua época, via a miscigenação racial como sendo o ponto positivo produzido pela colonização. Uma vez que considerava a pluralidade cultural um dos fatores mais importantes na constituição da identidade latino-americana.

Bomfim era um apaixonado pelo Brasil e pela América Latina. Isto não o tornava um defensor

ingênuo da identidade latino-americana. Muito pelo contrário estava sempre atento para as dificuldades dessa parte do mundo em ingressar plenamente no chamado “mundo civilizado”. Desejava que o progresso em todas as suas vertentes aportasse por aqui. Queria o progresso material, a integração completa das populações nacionais, ansiava pela difusão da educação e da cultura. Identificara no processo de colonização as raízes da dificuldade latino-americana em promover a integração e a cidadania. Isto não o fazia isentar as elites políticas e econômicas de responsabilidade. Ao contrário, indicava que tendo a colonização estabelecido o parasitismo, esse se instalou internamente. As elites não contribuíam para a educação do povo, pois se assim o fizessem o parasitismo seria quebrado. A elas não interessava essa quebra, uma vez que usufruíam a relação parasita /parasitado. Expressava a dificuldade em se quebrar esse vínculo há séculos construído. Mas, isto não o impedia de defender e acreditar que esse rompimento se daria, uma vez que o parasitado vendo-se esmagado socialmente pelo parasita se rebelaria e exigiria seus direitos. Tendo assistido à revolução mexicana, passara cada vez mais a acreditar que a mudança viria do povo. Dessa maneira, em *Brasil Nação*³² ainda que não abandonando sua crença na ilustração vislumbrava no movimento popular agrário um possível caminho de mudança à semelhança do que ocorrera no México.

BIBLIOGRAFÍA

- Alberdi, Juan Bautista, *Bases y puntos de partida para la organización política de la República Argentina*, 1852.
- Bomfim, Manoel, *América Latina. Males de origem*. Rio de Janeiro, 4ª ed., Topbooks, 1993.
- _____. *O Brasil Nação. Realidade da Soberania Nacional*. Rio de Janeiro, 2ªed., Topbooks, 1996.
- _____. *o Brasil na América*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1929.
- Bunge, Carlos Octavio, *Nuestra América (Ensayo de psicología social)*. Buenos Aires, Valerio Abeledo, 1903.
- Cripa, Adolfo. (coord.), *As idéias políticas no Brasil*. São Paulo, Convívio, 1979.
- Mariátegui, José Carlos, *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana* (1928). Lima, Amauta, 1976.
- Martí, José, *Obras Completas. Nuestra América*. La Habana Editorial de Ciencias Sociales, 1975.
- Massart, Juan e Vandervelde, Emilio, *Los parásitos de la sociedad*. Buenos Aires, Editorial F. Granada, 1906.
- Nabuco, Joaquim, *O Abolicionismo*. Petrópolis, Vozes, 5º ed, 1988.

³¹ Ibidem, 542.

³² Bomfim, M., *O Brasil Nação. Realidade da Soberania Nacional*. Rio de Janeiro, 2ªed., Topbooks, 1996.

- Paim, Antonio, *A Filosofia da Escola do Recife*, São Paulo, Convívio, 2ª ed., 1981.
- Pombo, José Francisco da, *Compêndio de História da América*. Rio de Janeiro, Benjamin de Águila ed, 2ª ed., 1925.
- Rodrigues, Nina, *Os africanos no Brasil*, Brasília, UNB, 7ª ed., 1988.
- Romero, Sílvio, *A Margem da História*, São Paulo, Martins Fontes, 1999.
- Sussekind, Flora e Ventura, Roberto, *Uma teoria biológica da mais Valia? História e Dependência: História e Dependência: cultura e Sociedade em Manuel Bomfim*. São Paulo, Moderna, 1984.